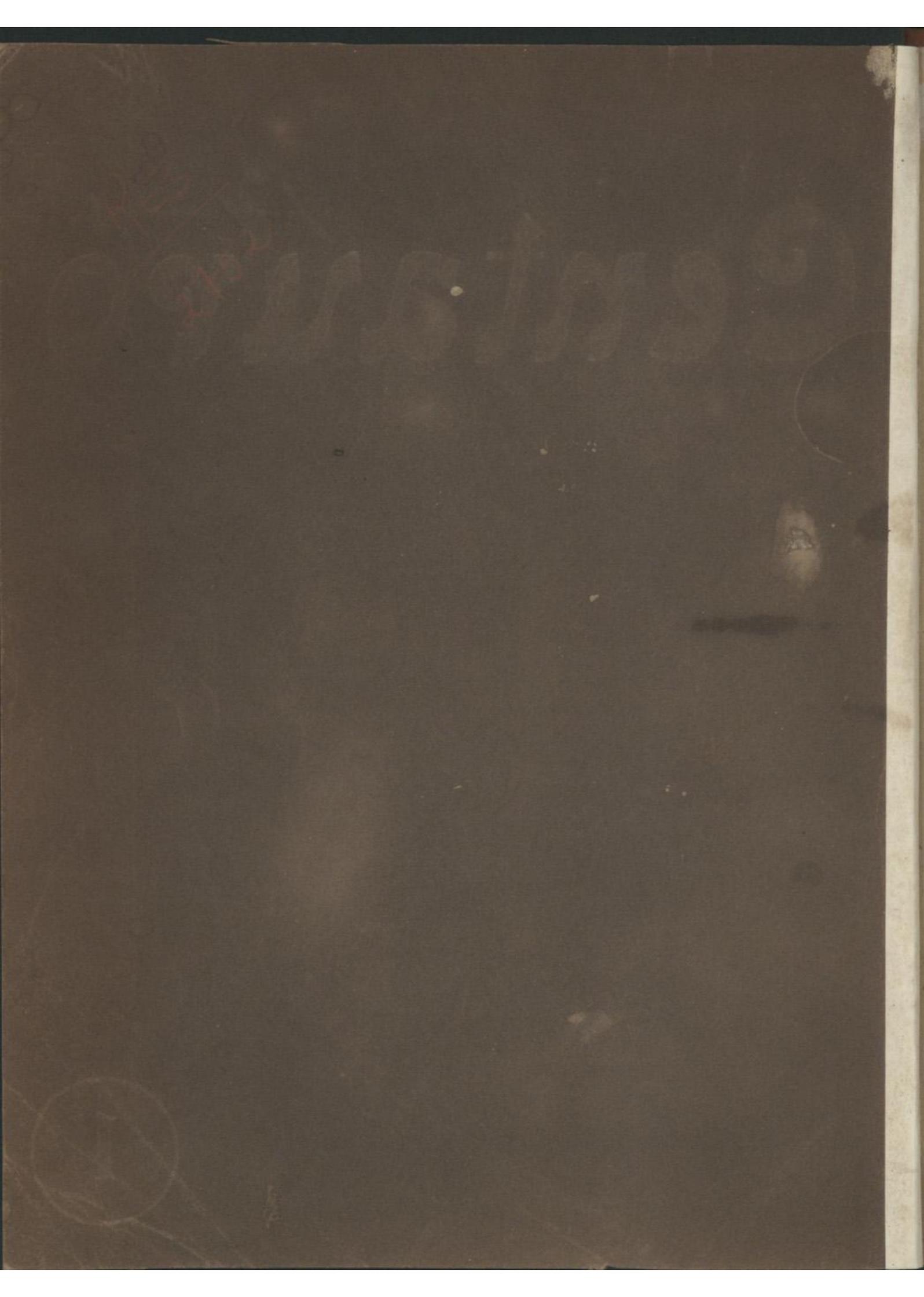


Centauro

1



9057

CENTAURO

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

Propriedade de: CENTAURO, Ltd.

Editor: LEMOS DE NAPOLES



DIRECTOR

Luiz de Montalvôr OFERTA

Ano I — 1916

N.º 1

Outubro-Novembro-Dezembro

SUMARIO

LUIZ DE MONTALVÔR	<i>Tentativa de um ensaio sobre a Decadencia</i>
CAMILLO PESSANHA	<i>Poemas Ineditos</i>
ALBERTO OSORIO DE CASTRO	<i>Quatro Sonetos</i>
RAUL LEAL	<i>A Aventura de um Satyro ou a Morte de Adonis (conto)</i>
FERNANDO PESSOA	<i>Passos da Cruz (quatorze sonetos)</i>
JULIO DE VILHENA	<i>Ultima Nau (poema em prosa)</i>
SILVA TAVARES	<i>Poemas da Alma Doente</i>

Hors-texte especial de

CHRISTIANO CRUZ

Redacção: Avenida de Berne, A. O. P., 1.º, Esq.

Officinas: Tipografia do Anuario Comercial—Praça dos Restauradores, 24

LISBOA

CONDIÇÕES

Toda a colaboração é solicitada.

A correspondencia deve ser dirigida ao Director, provisoriamente, para a Livraria Brasileira — 190 e 192, Rua Aurea, Lisboa.

São nossos depositarios em Portugal os srs. MONTEIRO & C.^A, Livraria Brasileira — 190 e 192, Rua Aurea, Lisboa.

ASSINATURAS

(Por ano — Serie de 4 numeros)

Portugal, Espanha e colonias portuguezas..	1#800 réis
Brazil.....	7#000 réis (moeda fraca)
União Postal.....	10 francos
Avulso: Portugal.....	#500 réis
Brazil.....	2#000 réis (fracos)

CENTAURO só procurará, pela sua indole estranha e rara, publicar trabalhos que constituam, uma revelação de Beleza. *CENTAURO* tentará exprimir e vincar a sua estirpe de revista, tanto pela sua attitude intelectual, como pela sua apresentação material.

• *CENTAURO* editará em *plaquete*, por sua conta, a conferencia que o escritor, sr. Gonçalves Cota, fará sobre a obra do saudoso artista que foi, Mario de Sá-Carneiro.

• Publicaremos no segundo numero um excerto das *Elegias chinezas*, traduções de Camillo Pessanha.

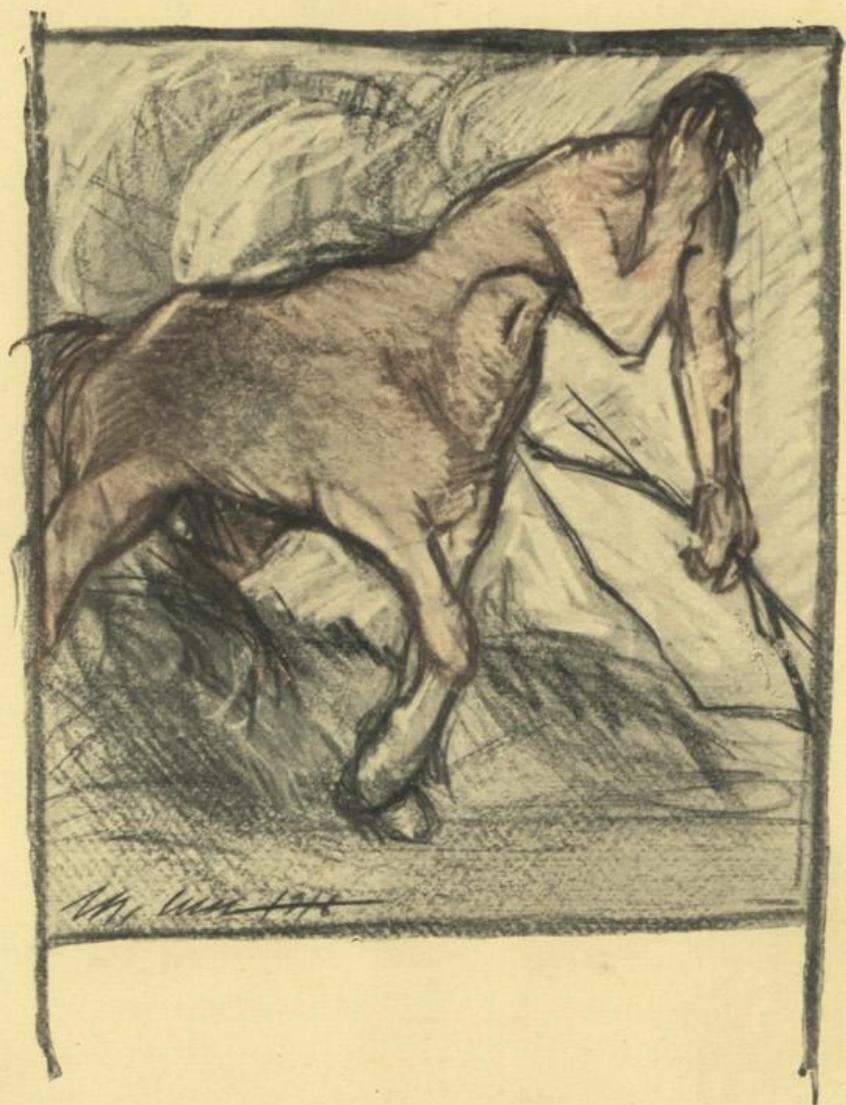
• Tencionamos publicar nos numeros seguintes, trabalhos de Antonio Hoyos, Camillo Pessanha, Carlos Parreira, Eduardo Guimaraens, Fernando Pessoa, Francisco Vilaspesa, Luiz de Montalvôr, Mario de Sá-Carneiro, D. Ramon de Valle-Inclan e outros mais.

J. A. ...

CENTAURO

VOLUME I—1916

RES
2752



CENTAURO

REVISTA TRIMESTRAL DE LITERATURA

VOLUME I

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL
Praça dos Restauradores, 24

—
1916

RES
2752

Tentativa de um ensaio
sobre a decadência

TENTATIVA DE UM ENSAIO SOBRE A DECADÊNCIA

Somos os descendentes do século da Decadência. Vamos esculpindo a nossa arte na nossa indiferença. A vida não vale pelo que é mas pelo que dóe... Só a Beleza nos interessa. O resto passa por nós como nós passamos sobre tudo. Somos os descendentes de uma estirpe que, apesar de humildemente representar, traz consigo e orgulhosamente a marca com que Deus abençoa os predestinados e os divinos... Não somos portanto um fenómeno isolado constituindo um pequeno organismo literário independente. Somos apenas e realmente uma mónada do pensamento literário do nosso século.

Toda a grande arte é decadente, de resto que fica excluída dessa definição de arte uma espécie de fauna literária sem vida própria — *as letras patrias, o diario oficial, a imprensa como tuba do progresso e a critica conscienciosa*. Se particularmente a decadência literária é a manifestação estética do século XIX, genericamente toda a grande arte pode ser decadente, porque todos os séculos fôram e serão decadentes...

A psicologia da decadência é que varia. Ser mais é ser menos de qualquer maneira. Onde somos hoje decadentes fôram os de outros tempos nossos precursores. Se nos ape-

TENTATIVA DE UM ENSAIO

lidamos ou nos apelidaram caracteristicamente de decadentes é porque temos um sentido próprio de decadência, sem deixar contudo de podermos ser outra cousa. Somos mais propriamente decadentes, não porque isto implique um conjunto fatal de circunstancias ou um resultado de estadios morais ou sociais, mas mais verdadeiramente porque fizemos e temos um conceito, uma teoria deliberada, e demos um sentido ao pensamento decadente. Temos formado um pensamento decadente que nos baptisma e caracteriza de decadentes sem contudo excluir a ideia de que não tenha havido decadentes sem possuirem o pensamento da Decadência.

Somos mais sentidamente decadentes porque somos mais misticamente doentes que todos os misticos de todas as doenças espirituais de todos os tempos. A decadência é para nós o simbolo com que vestimos o estado de alma coletivo de *exilados da Beleza!* Ser-se decadente é ser-se doente espiritualmente, é ser-se superior! A arte é a doença imortal dos pálidos de Deus e da Beleza . . .

A arte profunda alimenta-se das lagrimas intimas da dôr universal.

Ser-se doente é ser-se dôr! E a dôr é a qualidade com que Deus ensaia a química das almas num plano superior. A arte da dôr é Beleza doente.

A Beleza pode até ser como doença a decadencia de todos os tempos, a doença do Espiritual, o Mal de Deus . . .

Há um momento, um ponto, em que todas as artes, todas as estéticas, todas as morais, todas as sociologias, todos os artistas se encontram. Ha um ponto em que Shakespeare, Dante, Esquilo, Goya, Balzac, Miguel Angelo ou o meu coração se parecem, se encontram, por um milagre

SOBRE A DECADÊNCIA

que se não pode explicar! Os titans prescrutam-se, as sensibilidades da dôr atraem-se! Todos os grandes artistas são imans da sensibilidade e da dôr de todos os tempos. Só os diferencia a qualidade mediunica da arte do seu tempo. Onde Lear perturba de dôr a floresta de sonho, Pan ou Diónisos a arrosam da sua beleza divina. Onde Zola prescruta, Miguel Angelo, esse prolongamento da Noite, exalta cantando, tragificando na ansia pura todas as belezas da sua Beleza! Onde D. Quixote, o génio da gloria divina, afogado num pobre-diabo, caricaturiza a sua dôr, o Oswaldo do Ibsen atira pedras á vida...

Onde um, génio da medievalite, esculpe os gestos no mármore da Demência, chora outro por não ter outra realidade da que pedir o sol.

A panoplia de um é o sol de outro.

O doutor Fausto é um paralelo do Hamlet. O *Homem das multidões* do Poë é o genio do mal das multidões de todos os tempos.

A canção de Lady Macbeth:

*Toujours l'odeur du sang;
Tout petit qu'est cette main,
Tous les parfums de l'Arabie
Ne pourront pas la désinfecter!
Oh! oh! oh!*

tem qualquer cousa de pureza, de sonho, de extase, que como um relâmpago purifica e ilumina aquela alma lôbrega, feita do génio do mal e da noite. Ela mesma é irmã de Ofe-
lia em pureza no momento onde as suas mãos de crime e de esmeraldas são reais e fugazes como as de encanto

TENTATIVA DE UM ENSAIO

da fria virgem objectivada do trágico herdeiro de Else-nore!

O que acima explanamos tenta demonstrar que a Beleza e a Dôr de todos os tempos num ponto qualquer se encontram, se cruzam, se chocam, se assemelham. O fundo poético é o mesmo. A existencia da dôr é semelhantemente e quotidianamente igual. A grande arte não tem escolas, mas as escolas podem ter o que as caracteriza e as especialisa, que é o ponto comum a toda a obra de arte. A flôr da arte decadente do século passado foi o simbolismo. Esta corrente literária é o resultado em arte de todo o puro e livre idealismo. Ela contém uma teoria de libertação. O seu fundo espiritual, poético e misterioso, não é senão o expoente de várias correntes anteriores de uma expressão mais fraca. O simbolismo surgiu como a expansão maxima de todas essas teorias e manifestações de arte. Há uma ideia de simbolismo e uma teoria de simbolos, que são diferentes; Maeterlinck explica-nos quando diz:

«...Je crois qu'il ya deux sortes de symboles: l'un qu'on pourrait appeler le symbole *à priori*, le symbole de *propos délibéré*; il part d'abstractions et tache de revêtir d'humanité ces abstractions. Le prototype de cette symbolique qui touche de bien près à l'allégorie, se trouverait dans le *second Faust* et dans certains contes de Goethe, son fameux *Mahrchen aller Mahrchen*, par exemple. ✓

«L'autre espèce de symbole serait plutôt inconscient, aurait lieu à l'insu du poète, souvent malgré lui, et irait, presque toujours, bien au-delà de sa pensée: c'est le symbole qui naît de toute création géniale d'humanité; le prototype de cette symbolique se trouverait dans Eschyle, Shakespeare, etc.»

SOBRE A DECADÊNCIA

Isto explica a essência da arte simbolista.

A diferença entre o decadentismo propriamente chamado e as outras escolas é o fim a que se propunha a propria arte decadente, a moral emfim dessa teoria estética.

O egotismo, o simbolo, o processo, a preocupação da forma sobre o pensamento, a reacção portanto contra a moral e a sociologia do próprio século são a diferença, o divorcio que os puritanos procuraram estabelecer entre a arte e a moral. A moral humana sentiu-se chocada pela moral estética. A vida, a sociedade, exigiam da arte a sua manifestação, a sua fotografia de costumes. Pois, senhores, proclamemos que a arte tem uma moral à parte: — ser Beleza e apenas Beleza! A moral colectiva é a mordada da moral individual. Como se a Beleza estivesse presa às condições sociais! Que horror! Como se ela não fôsse, por si, a transcendentalização de tudo o que é *humano*, o revulsivo estético de uma sociedade e até de uma civilização. A realidade moral, emfim o estadio social a que chega um povo ou uma civilização, divorcia-sé da realidade moral em arte. Uma é o mecanismo das condições, das circunstancias de uma civilização, da psicologia, do senso agindo materialmente. Outra, a realidade da moral em arte, a expressão divina da Beleza! Tudo aquilo que acima dissemos é tudo, ainda que mal, que se pode dizer da arte da decadência. Estas são, ainda que mal expressas, as nossas convicções de artista.

Ah! ser-se decadente nesta hora em que se pode ser tudo menos aquela superior qualidade, é demonstrar uma convicção, uma força de vontade inabalaveis!

Ah! ser-se decadente é ser-se lindo de gestos, é ser-se debil e femininamente o sistema nervoso de todas as sen-

TENTATIVA DE UM ENSAIO

sações, de todas as emoções, de todos os pensamentos, de todas as inferioridades, de todas as grandezas, de todas as imoralidades, de todos os ascetismos, da convulsão espasmódica e mediúmnica do nosso século!

É ser-se, emfim, andrógino e equivoco de qualquer maneira. É ser-se, emfim, todos sem ser o que todos são, que é o que é superior ao que são todos. . .

Só são decadentes os que receberam o mandato de Deus e da Beleza, e teem, não as condições, mas a missão divina de assobiarem a Vida. . .

A Decadência é o grito da *penultième*, gesto inutil e pálido soando na vaga sala dourada do que somos em nós próprios. . .

Vago instrumento dos Tristes, dos que ficam como nós no momento em que escrevemos estas pobres palavras, a perna traçada sobre o divan, subtil o gesto, descrentes e crentes em tudo, irmãos da Blasfêmia, Senhora palida do nosso Desconforto, da nossa Angustia, da nossa Beleza!

LUIZ DE MONTALVÔR.

Poemas Ineditos

DE

CAMILLO PESSANHA

NOTA

Os poemas que publicamos do extraordinario poeta que é Camillo Pessanha, foram amavelmente cedidos pela distincta escriptora, Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana de Castro Osorio, e fazem parte do livro inedito que o Poeta confiou à guarda carinhosa dessa illustre senhora, que em breve o editará, bem como, as traduções para portuguez, das Elegias Chinezas, que constituem um livro de prosa, a publicar. E' por tanto esta a unica e fiel origem dos ineditos do Poeta.

OS VIOLONCELOS

Chorai, arcadas,
do violoncelo,
convulcionadas,
— pontes aladas
de pezadelo . . .

De que esvoaçam,
brancos, os arcos . . .
por baixo passam
se despedaçam
no rio os barcos.

Fundas, soluçam
caudaes de choro . . .
Que ruinas (ouçam)!
se se debruçam,
Que sorvedouro!

OS VIOLONCELOS

Plintos de rastros...
fundos lacustres...
lemos e mastros...
e os alabastros
dos balaustres!

Urnas quebradas!
blocos de gelo...
chorai arcadas,
despedaçadas,
do violoncelo.

Se andava no jardim,
que cheiro de jasmim!
tão branca de luar!

.....
.....
.....

Eis tenho-a junto a mim.
Vencida, é minha, emfim,
apoz tanto a sonhar...

Porque entristeço assim?...
não era ella, mas sim
(O que eu quiz abraçar)

a hora do jardim...
o cheiro de jasmim...
a onda do luar...

TATUAGENS

Tatuagens complicadas do meu peito!
— Tropheus, emblemas, dois leões alados...
Mais, entre corações engrinaldados,
Um enorme, soberbo, amor-perfeito.

E o meu braço... Tem de oiro, n'um quartel
Vermelho, um lis. Tem no outro uma donzela
Em campo azul, de prata o corpo, — aquela
Que é no meu braço como um broquel...

Timbre: rompente, a megalomania...
Divisa: um ai, — que insiste noite e dia
Lembrando ruínas, sepulturas rasas.

Entre castelos, serpes batalhantes,
E aguias de negro, desfraldando as azas,
Que realça de oiro um colar de besantes.

Floriram por engano as rosas bravas
No inverno: veio a neve desfolhal-as...
Em que scismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que ha pouco me enganavas?

Castellos doidos! tão cedo cahistes!
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Prescrutaram os meus, como vão tristes!

E sobre nós cahe nupcial a neve,
Surda, em triumpho, petalas, de leve
Juncando o chão, vago estendal de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze — quanta flôr! — do ceu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabellos...

O PHONOGRAPHO

Vae declamando um comico defuncto.
Como a plateia ri perdidamente!
E o cheiro a goivos, a melado, a quente
E o pó do chão... O anachronico assumpto...

Mudo o registo... Eis uma barcarola...
Lyrios, lyrios, aguas do rio, a lua...
Ante o seu corpo o sonho meu fluctua
Sobre um paul, — extatica corola...

Mudo outra vez: gorgeios, estribilhos
Dum clarim de oiro — o cheiro de junquilhos,
Tão vivo e acre, — tocando a alvorada...

Cessou... E amorosa, a alma das cornetas
Quebra-se agora, orvalhada e velada...
Primavera... Manhã... Que effluvio de violetas!...

NAUFRAGIO

Singra o navio. Sob a agua clara
Vê-se o fundo do mar, de areia fina . . .
Impecavel figura peregrina,
A distancia sem fim que nos separa !

Seixinhos da mais alva porcelana,
Conchinhas tenuemente côr de rosa,
Na fria transparencia luminosa
Repousam, fundas sob a agua plana . . .

E a vista sonda, reconstroe, compara.
Tantos naufragios, perdições, destroços . . .
Ó fúlgida visão, linda mentira !

Roseas unhinhas que a maré partira . . .
Dentinhos que o vae-vem desengastára . . .
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos . . .

I

Imagens que passaes pela retina
dos meus olhos, porque não vos fixaes?
Que passaes como a agua cristalina
por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncaes,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levaeis?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inutil, meus olhos pagãos!
Aridez de successivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.

II

Quando voltei encontrei os meus passos
Ainda frescos sobre a humida areia,
A fugitiva hora revoquei-a,
— Tão rediviva!, nos meus olhos bassos. . .

Olhos turvos, de lagrimas contidas.
— Mesquinhos passos, porque doidejastes
Assim transviados, e depois tornastes
Ao ponto das primeiras despedidas?

Onde fostes sem tino, ao vento vario,
Em redor, como as aves num aviario,
Até que a azita fôfa lhes faleça. . .

Toda essa estensa pista — para quê?
Se ha-de vir apagar-vos a maré,
Como as do novo rasto que começa. . .

O meu coração desce ;
um balão apagado . . .
Melhor fora que ardesse,
nas trevas incendiado.

Na bruma fastidienta
como um caixão á cova . . .
Porque antes não rebenta
de dôr violenta e nova ?!

Que apego ainda o sustem ?
Atomo miserando . . .
Se o esmagasse o trem
dum comboio arquejando . . .

O inane, vil despojo
da alma egoista e fraca !
Trouxesse-o o mar de rojo . . .
levasse-o na ressaca . . .

Passou o outomno já, já torna o frio...
— Outomno de seu riso maguado...
Algido inverno! Obliquo o sol, gelado...
— O sol, e as aguas límpidas do rio...

Aguas claras do rio! aguas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cançado,
Aonde me levaeis, meu vão cuidado?
Aonde vaes, meu coração vazio?

Ficae, cabellos d'ella, fluctuando,
E, debaixo das aguas fugídias,
Os seus olhos abertos e scismando...

Onde ídes a correr, melancholias?...
— E, refractadas, longamente ondeando,
As suas mãos translucidas e frias...

Foi um dia de inuteis agonias,
dia de sol inundado de sol.
Fulgiam nuas as espadas frias,
dia de sol inundado de sol.

Foi um dia de falsas alegrias :
Dalia a esfolhar-se, o seu molle sorriso.
Voltavam os ranchos das romarias,
Dalia a esfolhar-se, o seu molle sorriso.

Dia imperecível mais que os outros dias,
Tão lucido, tão palido, tão lucido !
Difuso de theoremas, de theorias,

O dia futil mais que os outros dias,
Minuete de discretas ironias !
Tão lucido, tão palido, tão lucido !

I

Desce em folhedos tenros a colina :
— Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
nos quaes a chamma do furor declina...

Oh vem, de branco, do immo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem disposar-te,
Reflectir-te virgens a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva
quão delicada te osculou num dedo
com um aljôfar côr de rosa viva!...

Ligeira a saia!... Doce brisa impele-a.
Oh vem! De branco! Do immo do arvoredos.
Alma de silfo, carne de camelia...

II

Esvelta surge! Vem das aguas, nua,
Timonando uma concha alvinitente!
Os rins flexiveis e o seio fremente...
Morre-me a bôca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que ha que ter vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte.
Tão branco o peito! — para o expor á Morte...
Mas que ora — a infame! — Não se te anteponha.

A hydra torpe!... Que a estrangulo... esmago-a
De encontro á rocha onde a cabeça te ha-de,
Com os cabellos escorrendo agua,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,
Sob o fervor da minha virgindade
E o meu pulso de joven gladiador.

CASTELLO DE ÓBIDOS

Quando se erguerão as seteiras,
outra vez, do castello em ruina,
e haverá gritos e bandeiras
na fria aragem matutina?

Se houverá tocar a rebate
Sobre a planície abandonada?
e sahiremos ao combate
de cota e elmo e a longa espada?

Quando iremos, tristes e serios,
nas prolixas e vans contendas,
soltando juras, improperios,
pelas divisas e legendas?

E voltaremos, os antigos
e purissimos lidadores,
— quantos trabalhos e perigos —
quasi mortos e vencedores?

E quando, ó Doce Infanta Real,
nos sorrirás do belveder?
— Magra figura de vitral,
por quem nós fomos combater...

AO LONGE OS BARCOS DE FLORES...

Só, incessante, um som de flauta chora,
viuva, gracil, na escuridão tranquila.
— Perdida voz que de entre as mais se exila,
— Festões de som desimulando a hora

Na orgia ao longe, que em clarões scintila
e os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
viuva, gracil, na escuridão tranquila...

E a orchestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
cauta, detem... Só modulada trila
a flauta flebil... Quem ha-de remil-a?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

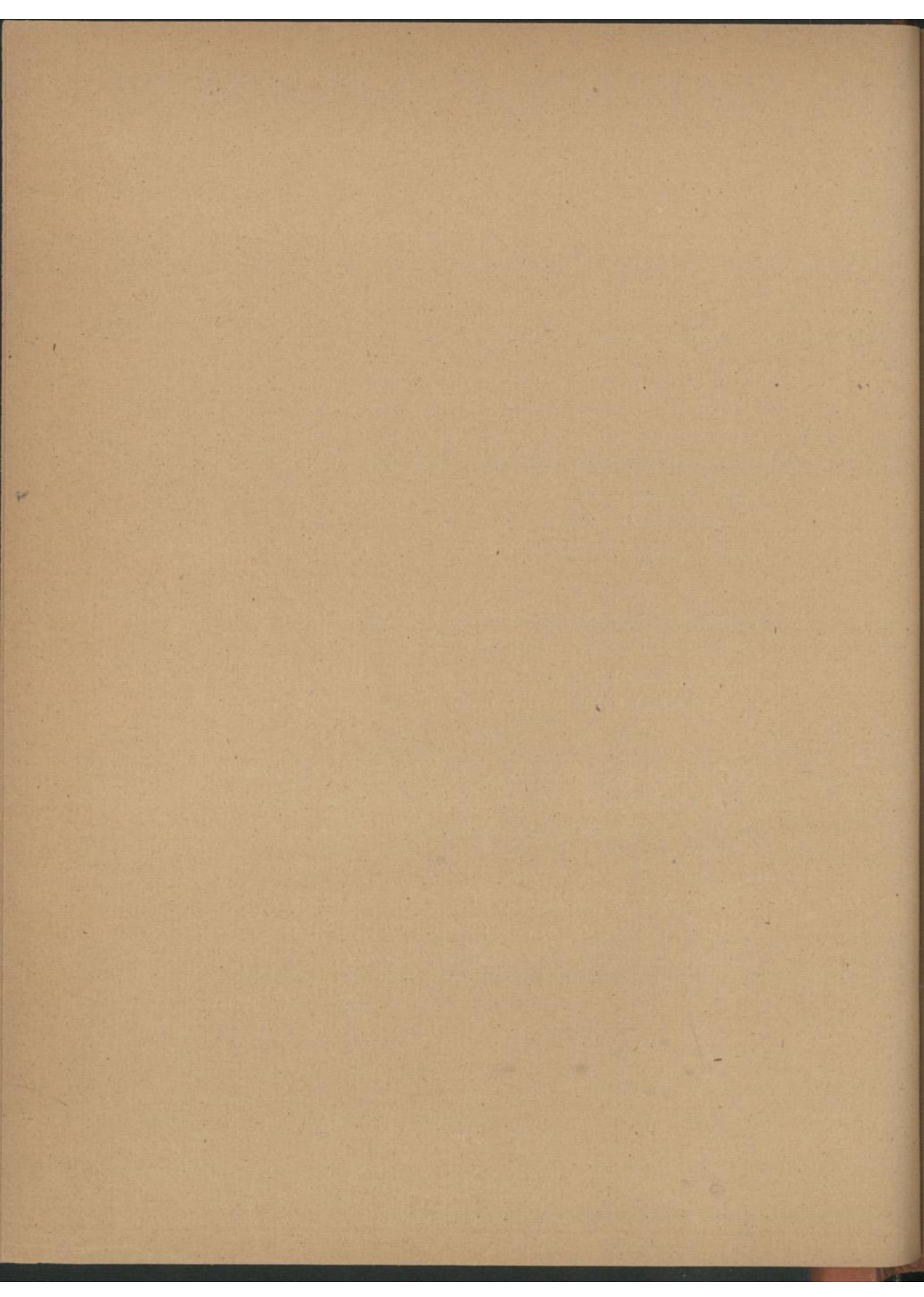
Quem poluiu, quem rasgou os meus lençoes de linho,
Onde esperei morrer — meus tão castos lençoes?
Do meu jardim exiguo os altos girasoes
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiesco!)
A meza de eu cear, — taboa tosca de pinho?
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?
— Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Oh! minha pobre mãe!... Não te erguas mais da cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruina a casa nova.
Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais,
Alma da minha mãe... Não andes mais á neve,
De noite a mendigar ás portas dos casaes.

CAMILLO PESSANHA.



Quatro sonetos

DE

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

A SÚPLICA DA MÚMIA

A' Senhora D. Maria O'Neill

Em Antínoë morri nova e linda. As Sereias
Invejariam, sei, meu cólo de mulher.
Minha péle espirava o aroma de *hacopher*,
Meu cabelo enliava embruxadas cadeias.

Quem meus beijos provou não quizera morrer.
Quando eu passava engrinaldada de ninfeas,
O desejo no olhar dos homens e em suas veias
Era uma flor eternamente a eflorescer.

E este ventre fendido, a que te causa horror,
Viandante! já foi uma rosa de amor,
Mais rósea que o revoar de íbis róseos em bando.

Deixa esperar na sombra a minha múmia escura,
E hoje de mim só lembra esta ebúrnea pintura.
Meu olhar assim foi, inebriante e brando.

O SORTILEGIO DA OFICIANTE MORTA

Senhora do Paiz dos Aromas, Senhora
Dos dois sistros, Hator, Palma de renascença,
Deixai-me contemplar nesta treva tão densa
Vosso Espelho, que o suave sangue humano irrorá.

Deixai-me renascer tão linda como outrora.
Que fiz, Isis! Hator! Afrodite! que ofensa
Vos fiz, que assim deixais na escuridão imensa
A vossa núbil, meiga e pálida Isidora!

No isíaco sendal adormeci, coroada
De flores de *asch*, e era um dormir acordada
Osíris! a sonhar com teus olhos divinos.

Por minha incantação, vive! Imagem de Antinous,
Vive! e implora de Hator para a minha alma doente
A frescura do vento norte e da nascente.

NA DACTILHOTÉCA DE PANTICOPEA

A Alberto de Oliveira

Mitridates, doirado, e no nimbo da tiara,
Vai no Ocaso inda olhar Mitras, a Eterna Luz.
Ao Scita aponta a mão, que de joias reluz,
E sobre as Virgens fulge a espada flâmea e clara.

Filhas! Ei-las num chão de púrpuras... Tão rara
A gêma azul do olhar das filhas, que o seduz.
Suspira. Tarda o fim! E já de Signas luz
O arraial do Romano, e o assalto se prepara.

Mitras sangra no ardor da tarde de ónix. Gloria
Dos Imperios, ó vã châma de oiro ilusoria,
Que se alterna de sombra, e nas sombras descae!

Acena. O Hoplite brande o gládio. E Mitridates
Num lance vê sorrir a luz de mil combates,
A Vida!... Dum só talho a ardente fronte cai.

PETITE CRÉOLE

«Ao coroar a cabeça de Josefina com o diadema imperial, Napoleão disse-lhe a meia voz :
— *Eh ! bien es-tu contente, petite créole ?*»

No silêncio da neve e na bruma espectral,
Acossada, sinistra, a *Grande Armée* fugia . . .
Fugia ! Pela estépa envolvente e feral
Um sudario de sombra e livor se entreabria.

Já o gelo de morte os batalhões tolhia.
Gela à boca de pedra o clangor do metal.
A alma da Velha Guarda era vaga e sombria,
A alma do Imperador era dura e glacial.

Châma rútila em tórno a um frio e hostil Kremlin,
Domara a graça e o orgulho arquiducal, emfim,
Em seus braços . . . E ruía o sonho todo sol! . . .

Notre Dame, tão longe! ao brônzeo ardor dos sinos! . . .
Que doce, no aclamar dos canhões e dos hinos,
O amoroso calor da «Petite Créole» !

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

A aventura dum Satyro
ou a morte de Adonis

CONTO DE

RAUL LEAL

A AVENTURA DUM SATYRO OU A MORTE DE ADONIS

Envolvida na atmosfera levemente brumosa da madrugada a floresta do Libano vagamente deixava descortinar ao longe os imoveis cedros, quaes teias vaporosas e caprichosamente trabalhadas em combinações subtis. Atravez dessas delicadas rendas que só a natura tão bem sabe tecer, Adonis qual ligeiro galgo que mal tocasse as urzes duma frondosa selva, nobre e ideal velozmente corre numa vertiginosa carreira, procurando com um ardôr que não cança e mais enobrece as horrendas fêras tão contrásticamente existentes num bosque formoso do paraizo terrestre. E' que este contraste horrivel para os olhos lindos do formoso Adonis não mais queria elle que se desse e numa furia bella como a que tantas vezes hoje toma Apollo, destruir procura no seu voluptuoso lar os seres asquerosos, sarcastica mácula duma vida olympica... Mas Apollo, sublimando-se assim numa ira forte contra impios que o olvidaram, alcança em personalismo livre, em expontaneidade vertiginosa o que sem duvida perdeu no purismo belo, na serenidade cuidada que só ela cuidada pode sem dúvida ser. E o mesmo com Adonis se passou... Em Adonis não mais existe aquele delicado e feminismo que Praxitéles no marmore tão bem cantar sabia, não mais nos braços de

A AVENTURA DUM SATYRO

Aphrodite é o voluptuoso amante que cheio de mimos excelsos quasi Aphrodite se tornava. Não, Venus desconhece-o, julga-o quasi perdido para ás delicias brandas do amôr e a fogosidade nele agora tão evidente desmente quasi os gestos classicos com que numa alma feminil Adonis outr'ora de encantos enchia o amôr de Venus... Sem ser helêno, da bela Hêlade êle parecia provir e por isso Aphrodite o amava e por isso sempre tanto o desejou... Agora não, as fataes caçadas tornavam Adonis demasiadamente homem, o contacto das feras parecia brutalisá-lo. Já antes a sua indole ardente de semita se começara a manifestar, mas Aphrodite ainda o amou assim, talvez ainda assim mais o amasse. Agora não é só ardente e quasi brutal. Quando esse semitismo profundo a sua alma encheu, cheio duma louca ancia que o vago, o indefinido o fazia vibrantemente desejar, Adonis, o belo éfebo, Aphrodite contorcia em espasmos histéricos em que a alma toda se parecia arrebatarse num vertiginoso arrebatamento... A cada passo tinha sobressaltos angustiosos, estremecimentos nevróticos, não sabia o que queria, vertiginosamente corria atravez do nada, do desconhecivel e pouco depois, numa lassidão profunda, isolava-se numa gruta, numa caverna tenebrosa fugindo da luz, procurando as trevas.

Assim passava a vida numa imensa instabilidade mental de que êle desconhecia a causa. Em si possuia um desejo ardente, uma ancia convulsionadora mas pelo vago, pelo desconhecido!...

Queria e não sabia o quê. Mas esse ardor, essa ancia que o enervava, que a propria fisionomia transtornou, era um ardor, uma ancia de fêmea que se procura satisfazer. Nada tinha de viril, de forte. O seu efeminismo foi conserva-

OU A MORTE DE ADONIS

do e apenas de serêno se tornou vibrante. Chopin por Praxitéles criado. Hoje não, as vibrações continuadas, os estremecimentos convulsos mais profundos, mais arrebatadôres se tornaram; numa luta íntima, espiritual transformaram-se todos e nessa luta em que toda a personalidade de Adonis parece reagir, poderosamente resistindo á destruição fatal como histérico que em espasmos ardentes vigorosamente e numa furia impetuosa uma actividade genial nêsse momento em si despertasse nessa luta pavorosa, nesse virilismo fórte, em Adonis se gera um personalismo brutal que todo o vigorifica...! Chopin tornado Wagner...! Já antes no seu ardor semítico parecia querer encontrar na linda Aphrodite qualquer coisa de mais belo, de mais sublime do que ela própria. Já não a amava, pois. Possuindo-a, aspirava a qualquer encanto vago, desconhecido... estranho a ela. Agora quasi se revolta contra a bela Astarté, a formosa Istar, a linda Aphrodite, encarnações diversamente *nuançées* do mesmo ente divino que da Syria á Hélade mais se efeminava. E Adonis contra Aphrodite se revolta por cada vez menos encontrar nela o indefinido vertiginoso que o cativa e cada vez mais por ele anciar...

Não é um simples desejo que o arrebatava já, é uma vontade imperiosa de possuir o que êle desconhece mas que occultamente o arrebatava... E Aphrodite, que sente Adonis de si desprendido, sofre, da maior angustia se enche toda... E a angustia, a dôr de perder Adonis, a dôr que sempre na sua luta essencial tão personalisadora é, dá-lhe de novo a energia antiga perdida na Hélade e que agora ainda mais se intensifica numa concentração maior, da dissoluta Astarté que só o prazer conhecia, e da meiga Istar outr'ora querida...

A AVENTURA DUM SATYRO

E assim, tornado em Venus abandonara Syria e a Hé-
lade de que tristes recordações vai possuir para procurar
outros céus mais puros, mais puros de uma dôr sacrilega . . .

A fisionomia de Adonis acompanhando como rastro ma-
terial a evolução do seu espirito não possui já aquella se-
renidade olympica tão querida de Istar, de Aphrodite, que
só depois de helenizada o conheceu, o amou, mas a pouco
e pouco se sulcando de fundas caneburas angustiosas, do
rosto de Adonis arranca os olhos ternos que assim pavo-
rosos se tornam e, enegrecendo-lhe a branca e rósea face,
presente nele as convulsões anciosas da sua alma tragifi-
cada, do seu esirito só agora vertiginoso . . .

Aphrodite vê a dissolução da materia que de excrecen-
cias de espirito se enche toda como se espirito nos seus es-
pasmos vibrantes em borbulhões surgisse, rompendo a ma-
teria, e esta que em suas crispações contorcidas á vertigem
da alma tão bem exprime numa espiritualisação tenebrosa,
sendo-a esta que evolando-se assim, quasi se espiritualisa
por Aphrodite, pobre deusa corporal, angustiosamente é
chorada e com ardor, pois é a materia pura que ela aspira
e jámais ao puro espirito . . .

E Aphrodite todos os passos de Adonis com anciedade
profunda então persegue . . .

Na carreira vertiginosa que outro entonteceria, Adonis
subito vê por entre a ramagem serêna um horrendo sátyro
que cheio duma atenção móvel e profunda com um ardor
diabólico ocúltamente espreguia seus rápidos movimentos.
Adonis estremece de temôr e ira, o sátyro da sua guela
perversa deixa livremente sair um arripiante berro sensual
que por toda floresta ecôa e, num salto pavoroso de tigre,
quasi alcança o Adonis ardente que temeroso e irado veloz-

OU A MORTE DE ADONIS

mente e com iguais saltos no bosque o evita. Venus que nos ares o seu amante acompanha, sente logo a sua alma rápidamente oprimida e subito intensificando na expressão do seu rosto a angustia mortal que havia tempos o corpo contorcia, com as mãos cripadas quasi desce á coma das arvores que quasi de perto e fugitivamente a tocam. E a luta continua... Adonis dispara uma flécha, com outro salto e sempre berrando, como num diabólico sarcasmo de victoria o satyro dela foge e por entre aquela labirintica encrusilhada de arvores serenas, à luta indiferentes, Adonis e o satyro ora oscilam o corpo ora para frente o arrastam com furia verdadeiramente insana, fugindo sempre Adonis e o satyro jámais o alcançando...

Aphrodite não os deixa... Com suas garras ponteagudas, o perseguidor importuno ligeiramente atinge o formoso corpo levemente o ferindo mas numa larga passada Adonis ainda o evita e dêle assim se escapa ligeiramente como viscosa serpente, crendo, porém, pouco na sua propria victoria em que tão pouco confia. Istar com anciedade os olha... O satyro no seu sensualismo infernal que as proprias bestas desconhecem, aquele que de furia e sarcasmo se mistura, o que na victoria próxima sempre confia, o satyro que ao serviço da arrogancia animal põe uma deshonesta inteligencia d'homem, d'homem muito e muito inteligente, duma inteligencia bem diabolica, o satyro em seus gestos cómicos e horrendos como os que com arte tão bem sabia exprimir, curvando-se aqui para mais além se estender toda, por fim naquela desigual luta atinge Adonis e com furia o aperta beijando-o todo... Venus veloz como um raio á terra desce...! Os seios quaes rigidas medusas, que numa oscilação veloz ardentes se tornassem, o rosto

A AVENTURA DUM SATYRO

verdadeiramente gorgônico na colera que em châmas vibrantes de toda a expressão de Venus se solta, os cabelos espalhados na liberdade da loucura como que pela vertigem da vida vertiginosamente anciando, os braços tensos, as mãos em garras como se a amante do proprio amante quizesse com elas apunhalar, emfim, o corpo nervosamente dobrado para o olhar faminto e a bôca qual vaga esmagadoramente vigorosa cuja profundidade terrivel uma formosa barca elefantínica encobrisse, para o olhar scintilante e a bôca ardente mais em seu poder acentuar, tudo que o horror do ciume, a depravação duma animalidade ferida transpira, tudo surge na linda Aphrodite que uma beleza caravaggiâna então alcança...

— «Quem és tu, ela exclama, quem és tu que os meus amores mais queridos do meu peito procuras arrebatrar, quem és tu que numa hediondez asquerosa, de animal e de homem feito, á força queres dominar aquele que brandamente jámais por ti seria dominado, que fazes nêste bosque calmo, calma morada do mais lindo éfebo por ti tão vilmente seduzido? Diz-me, que forças infernaes, que inimigos perversos te arrastaram aqui a este outro Olympo duma beleza tal que os proprios jardins do Averno jámais a conheceram?...

E numa hipnótica atitude Venus se estende... Num riso concentrado em que êle o proprio sarcasmo podesse gozar bem, o desconhecido satyro que Adonis aperta nos braços capilosos, estas palavras a Aphrodite sórdidamente atira.

— «Desejas tu saber, formosa filha das aguas, tu que só com o teu corpo incomparavel tôdo o Olympo iluminas, desejas saber quem é este repelente ser que da tua beleza e da de Apollo irónicamente gargalha? Queres conhecer

OU A MORTE DE ADONIS

aquelle que tanto a materia despreza que num corpo imundo a sua hediondez real profundamente acentuar procura, queres que te diga quem é o espirito infernal atravez de que a vossa olympica calma para sempre se perde numa vertigem sem fim? Tua curiosidade vou satisfazer, nem um momento mais ignorarás quem sou.

«Conheces decerto a luta pavorosa em que outros céus mais sublimes em sua eterna epopeia, o teu sereno Olympo procuram devorar. . . Venus ligeiramente se ofusca.

«Vejo que me comprehendes. Saberás então que do divino Wotan sou o digno mensageiro que o teu falso Zeus quer para sempre vencer. Walhala todo o Olympo despedaçará.» Com voz mal segura sob um desprezo ficticio, Aphrodite então fala: — A transformação infame que o meu Adonis querido sofrendo tem estado, sabia eu bem que do teu Deus provinha mas nunca imaginei que fossem tão absurdas, ridiculas e despreziveis as armas de Wotan que apenas do dominio dêle para sempre libertarão Adonis! Quando reconheci que o meu amante fôra instrumento da vossa brutalidade barbárica tremi toda, pois não podia ser melhor a escolha do falso Deus. Isto nem quiz dizer a Zeus nem a Ares; eü bem sabia quanto seria grande e inutil a aflicção dos dois deuses. Adonis ainda do Olympo não partilhava, era humano, não divino, facilmente pelo poder do teu senhor podia pois, ser governado e conhecendo por mim os segredos dos céus, a vossa armada sem dificuldade guiaria, guiando a vossa fatal derrota.

Sim, eu sei que a ideal serenidade olympica só pela astucia do vosso brutalismo barbárico se pode livrar. Se as ferozes Walkirias o Olympo pudessem conhecer, êle para sempre se desmoronaria. A nossa subtil delicadeza, de Pe-

A AVENTURA DUM SATYRO

ricles a Alexandre, de Phydias e Phycletes a Praxitéles e Apélles cada vez mais burilada, decerto a brutalidade wotanica para sempre faria evolar-se. Só o desconhecimento dos labirintos celestes a salvação nos podia dar! Mas esperava eu, esperava-o e temia-o bem que para satisfazer a ferocidade crescente de Adonis vós mandasseis Brunehilde, a Walkiria duma beleza selvática, quando o teu néscio Wotan preferiu ao meu amante enviar um mensageiro transformado em satyro. Como os outros satyros de ti e de Wotan se vão rir. Ouve, Pan: como é perfeita a fonte em que os teus sarcasmos se podem banhar! E dando uma gargalhada nervosa a linda Aphrodite mais acentuadamente finge o desprezo altivo que uma anciadade oculta mal encobre. Cinicamente lhe responde o falso satyro, sempre beijando Adonis que já quasi nem se debate. «Bem clara é a degenerescencia da mansão de Assur que tornada no Olympo, deuses encerra que tão mal reconhecem os designios supremos doutros deuses mais puros!... «Assur, exclama Aphrodite entre colérica e admirada, que relações mantem connosco este bárbaro de luz por vós destronado?

«As relações que uma velha geração tem com uma outra que ela criou. Já debil, Assur as suas sementes quiz lançar noutras regiões que formadas por êle contra êle se revoltaram, ingratição vil de que só vós sois capazes... A vibrante luminosidade asiatica que em vós baixamente degenerou numa manifesta fraqueza por Zeus, Pálas, Aphrodite e Apólo dissimulada em mil ficticios encantos que o velho Assur no seu passado vigor viril jamais conheceu. Ele a quem as forças já escasseavam quando vos criou, criou-vos fracos e como taes vis, que a fraqueza é sempre vil. E por isso, contra êle, na sua débil velhice cobardemente

OU A MORTE DE ADONIS

fôstes... Sua energia de luz plena, que na dos Deuses suméricos, dos nórdicos scíticos oriundos se inspirou, tal energia em vosso cuidado efeminismo se evolou todo. Se a possuisseis, bárbaros serieis tambem que só a estática serenidade se pode com artificios burilar. Na sua vertiginosa corrente, a força jámais se pode conter para alguma lapidação poder adquirir... Desconheceis essa energia suprema e por isso vos tornastes belos. Sois belos mas não mais sois sublimes... E é o sublimismo do céu escandinavo que Wotan á beleza ática quer opor. A luminosa sublimidade de Assur e a mais debil de Ra ou Amon não mais surgirão, mas outra mais vertiginosa, tão vertiginosa que a propria luz ofuscará, para sempre a arrebatando na vertigem do Espirito, mas outra há-de surgir e o vosso poder para sempre esmagar... E é contra a luz, contra a luz em vós degenerada, que o tenebroso Wotan me enviou... Ouve Aphrodite, ouve bem os juizos do Deus sublime que não mais considerarás insano. E' de Adonis que êle precisa. Sim, mas não o quer só para guia, que os guias bem enganadores se podem tornar, quer que o teu lindo éfebo, espiritualizando-se no seu proprio espirito se evole todo!... Quer a morte de Adonis, exclama Venus sobressaltada por uma angustia feroz, quer que o proprio conhecimento do meu amante se funda no seu que assim e só assim conseguirá no Olympo vencer-nos. Sim, a vida de Adonis evolando-se na alma de Wotan não mais será de Aphrodite, para sempre o perderei... Mas não, satyro, jamais conseguirás o que tu e Wotan tanto desejam. «Escuta diz o cínico, não te amedrontes tanto já, que o teu mêdo em breve te tirará assim a imortalidade divina.

Não penses que por um simples capricho, um simples

A AVENTURA DUM SATYRO

orgulho, Walhala quer vencer o Olympo, não penses igualmente que para fugir á monotonia da vida Wotan dicidiu esmagar-vos.

Não, o capricho, o orgulho só se pode gerar em espiritos fracos, pouco virtiginosos que sobre si possam assim exercer a sua atenção quasi estática.

Quando na vertigem, o Espirito se lança todo, na sua actividade imensa a nada atende, tudo diante dêle passa despercebido.

E nessa vertigem em que um eterno combate se dá, Walhala quasi se encontra. Se nela se encontra, não é monotona a sua vida, é vertiginosa e pois sublime...! O espirito de Wotan no seu pasmoso dinamismo quasi a nada atende, mas não parecendo essa actividade ainda infinita êle embora, apenas quasi por instincto, semi-conscientemente, dirige a vossa derrota. Se a sua energia vertiginosa o infinito atingisse já, Wotan nem ao de leve, nem semi-conscientemente pensaria em vós, porque em nada pensaria, o pensamento é sempre fracamente dinâmico no seu aparente definismo e só se exprime quando procura alguma cousa que não parece estar nêle quando na energia infinita, que então seria Wotan, tudo está. E assim vós não existissemos tambem. Tendendo apenas o meu Deus para essa vertigem infinita do Espirito Puro, Absoluto, anciando ainda ardentemente por ela por dela apenas muito se aproximar, ainda quer em si fundir todos os outros deuses, os outros céus, tudo, adquirindo assim a mais absoluta personalisação! Aproximando-se do Espirito, a sua personalidade é já forte, pressente pois, o sublimismo duma Personalidade Absoluta e por ela assim, vertiginosamente aneia!... E é por essa sublime ancia que êle o Olympo quer arrebatat...

OU A MORTE DE ADONIS

Quer arrebatá-lo porque ele ainda existe, porque ainda em si não se evoluiu todo...

Semi-conscientemente procura nas suas resoluções já vertiginosas, profundamente divagativas, que só a divagação profunda pressente o Espírito, mas as ideias aos turbilhões que no seu espírito surgem sempre na sua vertigem já mais erram e melhor do que o cuidadoso cálculo mais fatigante de que apenas resoluções destacadas poderiam porvir, elas numa resolução una e completa provocam eternamente. Ele mal reconhece os pensamentos sublimes que pela sua alma vertiginosa perpassam mas nos seus servos, á vertigem habituados, logo cumprimos, compreendendo-as bem, as resoluções que Wotan semi-conscientemente exprime. Conhecemos a sua ancia, o seu desejo ardente e os meios extraordinários para a sua satisfação, que só ele poderia conceber. Sabemos que a fusão de toda a energia, de tudo nêlo dando-lhe um personalismo absoluto igualmente um absoluto poder lhe dá, que essa energia assim infinita por ser infinita é que possui uma continuidade absoluta, podendo por isso, na sua unificação, na sua absoluta integralização em Wotan se consubstanciar bem, totalisar-se por completo! Sabemos assim que o dinamismo infinito no estatismo absoluto se funde e que só assim pode tornar Wotan a Unidade Suprema, o Supremo Eu!... Se a energia deste modo se autodestroe sempre, se por ser infinita é também o estatismo, se se alcança, todo eternamente numa epopeia vertiginosa, é que além de sublime na sua actividade é também bela no seu transcendentalismo. Quando o indefinido é vertiginoso como o que se exprime no dinamismo, sem duvida é sublime, hyperestético; quando o não é como o do estatismo absoluto que como absoluto é a não-existência, o Infinitessi-

A AVENTURA DUM SATYRO

mal ao mesmo tempo que a existencia pura, o Infinito, quando o não é, sem duvida é belo, nobre, ideal e assim o Espirito Puro uma nobreza sublime em si encerra. Não é no barbarismo que hoje mesmo está Walhala, como julgas. O barbarismo só existe quando a actividade parece infinita, quando é temporal, quando não se auto-destroe, se não estatiza, se não transcendentalisa como em Assur, e se a actividade de Wotan ainda não e infinita ela pressente já o infinito, como que o vê perante si e prompto a nela se fundir. Só na luz, ainda material pode haver a barbarie, no tenebroso Espirito que tenebroso é por na sua vertigem infinita não poder surgir estendido como estendida surge a luz e na luz não se poder defenir, que uma luz infinitesimal, o mesmo que as trevas, possui, no tenebroso Espirito, digo, a barbarie jámais existe. E é o Espirito que Walhala, que Wotan pressente! . . . Infinitamente poderoso, belo e sublime será Wotan, e sê-lo-ha porque assim o deseja, porque a sua ancia tendencial apenas exprime a fatal fusão futura! «Ouve agora, linda Aprodite, quaes os meios de satisfazer a sua ancia por Wotan genialmente e numa semi-consciencia concebidas.

Quer êle na verdade roubar os segredos de Adonis fundindo em si o espirito do formoso éfebo que quasi rendido a mim está.» «Mentes, exclama Venus profundamente rancorosa e tambem por Adonis cheia de temor. Não minto, não, tu bem sabes. Escuta-me. Vagamente passou pelo espirito de Wotan que muito subtil se podia tornar o auxilio do enfraquecido Assur.» «Pedir auxilio a um velho quasi morto e sem poder nenhum, diz Aphrodite com desprezo e quasi sarcástica. «Sim continua o satyro, e por ser um destronado bem util Assur podia ser. O Deus asiatico

OU A MORTE DE ADONIS

que envelheceu por o seu poder absoluto não ter sido como o ha-de ser o de Wotan, êle a quem a energia por não ser infinita, por eternamente não realizar a ancia que ela e só ela exprime, profundamente fatigou, êle sem duvida bem podia ainda frustrar-se aos olhares olimpicos, dirigindo um pouco a alma daquêles que quasi tinham sido seus subditos. Adonis era semita e uma alma de semita Assur lhe podia assim dar. Um mensageiro do meu senhor com enganosas esperanças comprou o vosso velho pae que imediatamente cedeu a seus rogos. Para Adonis se fundir em Wotan tinha de possuir um pouco o seu ardor forte e o seu personalismo vibrante. A Olimpica serenidade de Adonis tinha de desaparecer; o seu materialismo idealizado que tanto te encantava, a pouco e pouco deveria volatilizar-se e isto assim succedeu. Assur para o calmo Libano enviou as feras que vós, pobres ingenuas, lhes conservastes» «Infame! . . . exclama Venus entre dentes. Continua o mensageiro de Wotan:

«Em contácto com elas e irando-se com o seu aparecimento, Adonis a pouco e pouco adquiriu o ardor grande em exterminá-las, e esse ardor a êle se adaptando bem, nêle se manifestou sempre mesmo no amor contigo.

Sem perder um certo idealismo tambem necessario, por Wotan, aproximando-se do Espirito, tambem o possuir, êle devia tornar o seu ardor bastante viril e como no Olimpo só existem fêmeas por vezes em figuras masculinas disfarçadas, tu essa virilidade confundiste com o bestialismo das feras que, influindo em Adonis de modo algum lhe tiraram a nobreza ideal. Virilizado assim, e encontrando-se num meio feminino tão diverso do seu espirito actual, Adonis a outras regiões dêle desconhecidas mas por êle pressentidas

A AVENTURA DUM SATYRO

aspirava. Já antes o seu ardor semitico ainda feminil nada se coadunava já com a calma enervante que o rodeava e depois essa inadaptabilidade ainda cresceu mais. Indispensavel era pois terminar em Adonis a evolução do seu espirito, abrindo-lhe novos horizontes, e foi isso que Wotan previu. Espiritualizando-se mais a sua alma, o seu corpo igualmente tinha de abandonar a serenidade material e a sua expressão volatilizou-se tambem. A materia, animando-se, foi-se perdendo, tornando-se espirito e assim proxima da morte em breve se dissolverá toda no espirito até que por fim em Wotan se funda, perdendo a sua existencia distincta, a sua propria existencia!... Sim, perdendo a sua existencia, e não era Brunehilde que poderia dar o estimulo final. Se uma Walkiria ousasse sósinha percorrer as regiões pelo Olympo guardadas, Zeus, Palas e Ares decerto cobardeamente aproveitariam o isolamento da semi-deusa e por isso só um ser semelhante aos que o Olimpo gera poderia atingir o Libano. Mas outro motivo me trouxe assim disfarçado. O estimulo final para a victoria ampla de Wotan tinha de ser vigoroso; para se alcançar o que queria Wotan necessario era empregar-se um meio mais forte do que o fim, pois a materia humana sempre resiste, sempre reage, e como Adonis em sua nobreza personalista é hoje quasi uma Walkiria, só um ser apenas brutal e não nobre completaria a evolução provocando a morte de Adonis em Wotan. Por isso vim. E vês, Aphrodite, como Adonis sob os meus beijos ardentes, bestiaes de satyro, já nem se debate, como luxuriosamente, empregando assim eu o mais sugestivo processo, consigo estimular-lhe o ardor que o levará ao tumulto que Wotan no seu proprio espirito lhe ha-de abrir, vês como êle só de prazer profundamente contorce, como se

OU A MORTE DE ADONIS

deixa possuir, como permite que no seu corpo já tão espiritualizado a minha carne lhe entranhe, vês como já me ama como já me quer, como sem esforço o consigo dominar, arrastar á minha alma e por fim á alma de Wotan. Escuta, Aphrodite, Adonis já não te quer, quer quem sugestivamente lhe transmita um prazer viril que tu não lhe podes dar; quer o satiro, quer-me e quer Wotan!... Horror!

Adonis morreu e em breve o Olimpo morrerá também!... E vertiginosamente para o céu de Zens corre Aphrodite!

.....
Profundamente tenebrosas as nuvens acasteladas que umas sobre outras numa vertigem louca, numa confusão inergicérrima pelos infinitos espaços dos céus percorrem quaes duendes convulsivos que numa ancia vibrante, num ardor vertiginoso o universo arrebatassem ás nuvens acasteladas, cheias de vida, de espirito, daquele que numa infinita actividade exprime que uma energia em si contenha, todo o Olympo tenebrosificam num pavor imenso, todos os deuses helenicos pela angustia contorcem em espasmos convulsivos duma dôr infinita!...

E' que por eles envolvidas como por um sendal tenebroso caoticamente enleiado, as Walkirias pavorosas em seus negros cavalos de morte todos os céus agitam em sua cavalgada terribilisadora...! E adiante dêsse cortêjo macabro Wotan com sua trágica expressão sublimemente os arrasta... Pára subito e os cavalos musculosos, num circulo descrevendo úpas formidaveis sob o ardor forte das temiveis Walkirias, por fim se contêm! Diante de Zeus em quem o terror vibra como o dos raios com que êle por ve-

A AVENTURA DUM SATYRO

zes, num momento rápido de colera, á terra fulmina, Wotan se encontra emfim! Não possui a serena magestade que pouco antes possuia o deus-rei dos céus olympicos mas possui outra beleza ideal que nada tendo de calma igualmente é nobre. Os olhos negros duma negridão profunda, dois abysmos infinitos...; em volta umas intumescencias tenebrosas para mais profundos ainda os olhos tornar; a péle esverdeada e incorpórea com os sulcos cavos d'uma dolorosa noite; a bôca quasi invisivel, com dois lábios brancos que mal se salientam; o nariz convulso como que para em vibrações fortes arrebatam a Existencia numa ancia ardente; e imberbe e esquelético toda a sua nevrótica figura profundamente vibra num eterno esterismo em que em vigôr ancioso emfim o corpo arrebatasse numa espiritualisação absoluta!... E é belo, é nobre, não é só sublime...! E nas semidêas que ardentemente o envolvem, a mesma nobreza anciosa dum tragicismo belo fortemente se acentuam tambem. Se são como que emanções vibrantes do espirito de Wotan...! São pavorosas no seu ardôr mas esse ardôr vigoroso e convulsivo não é brutal. Néle ha o trágico esterismo e não a dramatica epilepsia! Possui êle a beleza ideal, nobre, da tragedia antiga, vibrantemente intensificada numa furia espiritual, não é como o drama moderno, infimo, plebeu...!

A Zeus o aristocrático Wotan assim fala numa voz que mais um cantico ascético, cheio de alma parecia: «A ti que hoje a terra e os céus governaste sem competidores alguns não mais o destino fatal da existencia divina quer que o mundo obedêça. Os homens que por Assur te criaram, no seu irrisorio amor proprio animal á sua criação julgaram dar a immortalidade suprêma e miseros, jámais puderam re-

OU A MORTE DE ADONIS

conhecer que um deus material, um deus humano não pode, decerto, possuir do Espirito a eternidade que eles ao efémero Olympo atribuir quizeram! A materia, impura ficção, é limitada e limitada é pois a sua existencia.

Só o Espirito em seu dinamismo como essencia tem o Indefinido, a quele a que a actividade leva e a que leva igualmente a sua contrástica auto-destruição numa substancia una, num só sêr que absoluto, que unico, não tem limites, absolutamente indefinido é!... Aqueles de quem igualmente sou a concepção sublime melhor do que os teus criadôres comprehendem o Espirito e a sua eternidade fatal, por isso do Espirito me aproximaram e o seu poder infinito, a sua infinita fôrça querem que eu por fim alcance. Bem satisfeito será o seu desejo!» «Nunca, exclama Zeus n'uma forçada arrogancia, nunca o teu poder será infinito. Se vieste para sem luta me obrigares a ceder o meu dominio, desengana-te já pois a luta, e uma luta esmagadora do teu prestigio, por mim te será dada.» «Queria bem, replica Wotan, que na minha alma o Olympo todo se evolasse como se evolou Adonis, o belo éfebo a quem vós estultamente confiastes os segredos divinos, queria bem que do mesmo modo, sem esforços inuteis, sem resistencia alguma para ti e para os teus tão dolorosa vós em mim vos fundissem todos, todos vos esterissem, queria que como Adonis um igual prazer, ascético ou luxurioso, vos convulsionasse o corpo antes da despersonalisação suprema, da suprema morte que a mim a vida, uma vida eterna há-de sem duvida dar, mas visto o teu orgulho, o orgulho que só a materia dá, ser mais forte ainda do que o dos insensatos homens, visto ser tão insana a tua soberba que conhecendo da derrota a fatalidade jámais quer recuar por ela a dôr, a angustia, a

A AVENTURA DUM SATYRO

mais aflitiva saudade da vida vae profundamente, bem profundamente sofrer e contigo sofrerão tambem estultamente Pálas, Ares, Aphrodite, Poseidon, Herácles!...» E isto dizendo dum só gesto o fervoroso exercito todo convulsiona ...!

.....

Terminada foi a batalha que em romanos tornou os deuses helénicos mas no campo delirante em que numa mescla impura as carnes mutuamente se rompiam num sangue em borbulhões jorrosos pelo mais depravado sadismo que o espasmo da morte nos deuses pagãos aflitivamente despertou, sadismo imoral que anciosamente na fatal dôr ao menos procura um prazer qualquer... , nêsse campo delirante da agonia em que só os déuses do panteon romano dolorosamente se contorciam na convulsiva febre final duma agitação formidavel, Pálas, a deusa helenica da ciencia e da morte, perante o exercito walkirio conserva ainda a sua orgulhosa estatura! Nem Wotan nem as ardentes Walkirias querem cobardemente sujar a sua ação valorosa, não se querem todas lançar sobre a isolada deusa da Hélade que contra tantos, força não pode ter. Brunehilde escolhida é pois por Wotan para com os restos do Olympo acabar de vez ou sendo vencida tirar a Wotan todo o poder a que elle havia tanto, tanto esperava, e saindo a galope, qual fantasma da morte, por sobre as victimas que tão valorosamente ella tinha feito, a sublime Walkiria com Pálas se vae encontrar, medindo primeiro a distancia o provavel poder e coragem de sua igualmente valorosa e até então invencivel inimiga! Olham-se, Pálas com rancor, Brunehilde com firmeza, uma de encontro á outra subito vae, os ferros scintilam como fulgores ultimos da vida, as

OU A MORTE DE ADONIS

couças nos peitos estrondosamente vôm os derradeiros clamores, os corpos esmigalham-se, as almas ambas se agitam e a mais temível lida as duas deusas travam assim! . . . Mas não se pode prolongar, Pálas não mais pode resistir, estremece toda concebendo a derrota fatal; e enfraquecendo emfim a sua confiante coragem, sob o braço dominador da Walkiria o perdão implora! . . .

Não mais será Pálas, não quer mais de ferro se couraçar e como duende perdido, a sombra da sciencia sómente quer ser! . . . Wotan a quem Brunehilde taes rogos transmite, logo concede tal falso poder ficticio que o seu poder real, absoluto, não abalará e assim por si a sombra de Pálas a pouco e pouco se perde ao pé da Hélade que na efémera Bizancio se torna e toda então por fim se evola! . . . Uma revolução subita por fim nos céus se dá e tudo, tudo que uma fraca personalisação até aqui possuia para sempre se eterisa e morre no espirito profundo do profundo Wotan, que perdendo a restante materia envolvente da sua alma, no Puro Espirito, no Eu Absoluto se torna todo! E assim foi criado o deus de Lutheró! . . .

Fevereiro de 1912.

RAUL LEAL.

Passos da Cruz

QUATORZE SONETOS

DE

FERNANDO PESSOA

I

Esqueço-me das horas transviadas...
O outomno móra maguas nos outeiros
E põe um rôxo vago nos ribeiros...
Hostia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paysagem, fadas
De sepulcros a orgiaco... Trigueiros
Os céus da tua face, e os derradeiros
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro sequestrando a lucidez
Um espasmo apagado em odio á ansia
Põe dias de ilhas vistas do convez

No meu cansaço perdido entre os gêlos,
E a côr do outomno é um funeral de appelos
Pela estrada da minha dissonância...

II

Ha um poeta em mim que Deus me disse...
A primavera esquece nos barrancos
As grinaldas que trouxe dos arrancos
Da sua ephémera e espectral ledice...

Pelo prado orvalhado a meninice
Faz soar a alegria os seus tamancos...
Pobre de anseios teu ficar nos bancos
Olhando a hora como quem sorrisse...

Florir do dia a capiteis de Luz...
Violinos do silêncio enternecidos...
Tedio onde o só ter tédio nos seduz...

Minha alma beija o quadro que pintou...
Sento-me ao pé dos séculos perdidos
E scismo o seu perfil de inércia e vôo...

III

Adagas cujas joias velhas galas...
Opalesci amar-me entre mãos raras,
E, fluido a febres entre um lembrar de aras,
O convez sem ninguem cheio de malas...

O intimo silencio das opalas
Conduz orientes até joias caras,
E o meu anseio vae nas rotas claras
De um grande sonho cheio de ocio e salas...

Passa o cortejo imperial, e ao longe
O povo só pelo cessar das lanças
Sabe que passa o seu tyranno, e estruge

Sua ovação, e erguem as creanças...
Mas no teclado as tuas mãos pararam
E indefinidamente repousaram...

IV

O' tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!,
E, beijando-o, descesse plos desvãos
Do sonho, até que emfim eu o encontrasse

Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra — reis christãos
Ajoelhando, inimigos e irmãos,
Quando processional o andor passasse! . . .

Teu gesto que arrepanha e se extasia . . .
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e em baixo, negros, os juncaes . . .

Caverna em stalactites o teu gesto . . .
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo e que perdê-lo! . . . E o sonho é o resto . . .

V

Tenue, roçando sedas pelas horas,
Teu vulto ciciante passa e esquece,
E dia a dia addias para prece
O rito cujo rythmo só decoras...

Um mar longinquo e proximo humedece
Teus labios onde, mais que em ti, descoras...
E, alada, leve, sobre a dôr que choras,
Sem qu'rer saber de ti a tarde desce...

Erra no ante-luar a voz dos tanques...
Na quinta immensa gorgolejam aguas,
Na treva vaga ao meu ter dôr estanques...

Meu imperio é das horas desiguaes,
E dei meu gesto lasso ás algas máguas
Que há para além de sermos outomnaes...

VI

Venho de longe e trago no perfil,
Em fôrma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu actual recorte humano e vil.

Outr'ora fui talvez, não Boabdil,
Mas o seu mero ultimo olhar, da estrada
Dado ao deixado vulto de Granada,
Recorte frio sob o unido anil. . .

Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distancia de mim vi. . .
Eu proprio sou aquillo que perdi. . .

E nesta estrada para Desigual
Florem em esguia gloria marginal
Os girasóes do imperio que morri. . .

VII

Fôsse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma cousa existente sem viver,
Noite de Vida sem amanhecer
Entre as syrtes do meu dourado assomo. . .

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloriola com ter
A arvore do meu uso o unico pômo. . .

Fosse eu uma metaphora sómente
Escripta nalgum livro insubsistente
D'um poeta antigo, de alma em outras gammas,

Mas doente, e, num crepusculo de espadas,
Morrendo entre bandeiras desfraldadas
Na ultima tarde de um imperio em chammas. . .

VIII

Ignorado ficasse o meu destino
Entre pallios (e a ponte sempre á vista),
E anel concluso a chispas de amethysta
A phrase falha do meu posthumo hymno . . .

Florescesse em meu glabro desatino
O hymeneu das escadas da conquista
Cuja preguiça, arrecadada, dista
Almas do meu impulso cristallino . . .

Meus ocios ricos assim fôssem, villas
Pelo campo romano, e a toga traça
No meu soslaio anónymas (desgraça

A vida) curvas sob mãos intranquillas . . .
E tudo sem Cleopatra teria
Findado perto de onde raia o dia . . .

IX

Meu coração é um portico partido
Dando excessivamente sobre o mar.
Vejo em minha alma as velas vãs passar
E cada vela passa num sentido.

Um soslaio de sombras e ruído
Na transparente solidão do ar
Evoca estrelas sobre a noite estar
Em afastados ceus o pórtico ido...

E em palmares de Antilhas entrevistas
Atravez de, com mãos eis apartados
Os sonhos, cortinados de amethystas,

Imperfeito o sabor de compensando
O grande espaço entre os tropheus alçados
Ao centro do triumpho em ruído e bando...

X

Aconteceu-me do alto do infinito
Esta vida. Atravez de nevoeiros,
Do meu proprio ermo ser fumos primeiros,
Vim ganhando, e atravez estranhos ritos

De sombra e luz occasional, e gritos
Vagos ao longe, e assomos passageiros
De saudade incognita, luzeiros
De divino, este ser fosco e proscripto . . .

Cahiu chuva em passados que fui eu.
Houve planicies de céu baixo e neve
Nalguma cousa de alma do que é meu.

Narrei-me á sombra e não me achei sentido.
Hoje sei-me o deserto onde Deus teve
Outr'ora a sua capital de olvido . . .

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E occulta mão colora alguém em mim.
Puz a alma no nexo de perdê-la
E o meu principio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,
E o leve outomno, e as galas, e o marfim,
E a congruência da alma que se vela
Com os sonhados pallios de setim?

Disperso... E a hora como um leque fecha-se...
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar...
O tédio? A mágua? A vida? O sonho? Deixa-se...

E, abrindo as azas sobre Renovar,
A erma sombra do vôo começado
Pestaneja no campo abandonado...

XII

Ella ia, tranquilla pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição.
Seguia-a, como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha...

«Em longes terras hás de ser rainha»
Um dia lhe disseram, mas em vão...
Seu vulto perde-se na escuridão...
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lyrios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Serás, rainha não, mas só pastora —

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistincto
Abysmo entre o meu sonho e o meu porvir...

XIII

Emissario de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Sôam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a gloria do meu Rei dá-me o desdem
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

XIV

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), pra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce
De musica longiqua, azas nos ares,
O mysterio silente como os mares,
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paysagem longiqua só existe
Para haver nella um silencio em descida
Pra o mysterio, silencio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida...
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

FERNANDO PESSOA.

JULIO DE VILHENA

Ultima Nau

POEMA NOCTURNO

A LUIZ DE MONTALVÔR

ULTIMA NAU

Sou ansia, gageiro, em minha náu doente... Fim de tarde, mar alto, — seculo xx... Ao derredor de mim imprecações do vento, e na curvatura do infinito, na paisagem silencio, — Fogo! fogo! o sol termina em Deus...

India, Adamastor, pedrarias, Gama, — ó minha náu qu'importa!

— Navega!

Fama e Gloria ó minha náu que vale?

— Navega!

O sol morreu... : Pergunta minha náu á Noite, a essa decadente, se navegando tu ao sabor da corrente, sem rumo certo, não terás deante de ti, aberto, eternamente aberto o olhar p'rá belleza, pró mar, vasta e glauca planicie do mysterio?!...

Uma voz circumdando a náu:

— Decerto, oh! decerto...

Timido e trémulo o gageiro perscruta-a...

— Silencio, silencio, — que diz a Noite?

A superficie das aguas é profundamente calma, calma, e silenciosa...

Mar e ceu supportam-se, sobem e descem, fundem-se, ligam-se como que sexualizados num grande abraço...

O Luar scintilla, cahe, pulverisa luz, ondula, vence a Treva, envolve, illumina...

ULTIMA NAU

O espirito de Deus errava sobre as aguas...

A paisagem vista do exterior era toda feita d'alma.

— Silencio, silencio...

Timido e trémulo o gageiro perscruta a Noite...

Parou a náu: A noite vae resando:

... — E olhar p'r'o mysterio é querer a vida toda...:

A tua, gageiro da náu da ansia, setta, desejo — a tua!

A que Deus poz em ti e a que termina no Tempo, a que termina em Deus! Tempo é Deus, Deus é Tempo! — Nada existe para além do Tempo...

Mysterio, supplica de Deus, alma da vida, sangue!...

Here's the smell of the blood still... Lady Macbeth...

All the perfumes of Arabia... Oh! oh! oh!...

Uma voz dispersa:

— Que diz a meia noite?

« — Tenho sonhado, tenho sonhado... »

E a voz da noite coleando a náu:

— Eu sou a voz da Noite...

A náu avança, caminha mar fóra... E lá longe, muito longe, na paisagem gris-perle, na caricatura do infinito, no lado opposto onde o sol morreu ha pouco, a noite entra em agonia, e da boca azul da antemanhã que vem erguendo os braços prà vida, cahem, num doce murmurar de prece, sobre o espelho das aguas os seus primeiros beijos: larga, estridente saudação de amor e de luz!

— Não tarda ahi a manhã, — o sol...

E a Noite moribunda, agonisante, em confidencias finaes, pallida de morte, resa as ultimas confidencias...:

— Sabes quem sou?

— Sou a Noite. Fecho na minha boca a essencia de toda a Vida, os segredos de todos os segredos, os segundos

ULTIMA NAU

de todos os segundos, as sensações de todas as sensações,
os desejos de todos os desejos...:

O dia morre em meus braços...

A manhã vinha subindo...

Ouviu-se então, em voz debil, muito debil, a ultima pa-
lavra da Noite:

— Sou a Noite, symbolo da Decadência...

Uma onda sobe mais alto do que todas as ondas e
saúda a manhã.

Na queda, talvez a voz de Neptuno: A Decadência,
senhora é mãe de todas as coisas...

Ha sorrisos de Deus em meu olhar.

Resa gageiro!

É dia.

Junho, 4, 1916.

JULIO DE VILHENA.

POEMAS DA ALMA DOENTE

I

No velho parque já não passa
a Castelã enamorada...
Dorme o terraço sobre o mar...
Passou um sôpro de desgraça
naquela nau ha tanto esp'rada
que Deus não deixa regressar...
Ao longe o pôrto está deserto...
Incerto e vago o horisonte,
deserto o lago e a barbacan...
Sinto roçar na minha fronte
como que um vago beijo aberto
dos labios frios da Castelã.

II

Enche de lyrios teu regaço
e passa lassa nua e esguia
nas alamedas sem luar...
Deixa supôr-te um leve traço...
Sê dum alfange a face fria,
lamina de aço a scintilar...

POEMAS DA ALMA DOENTE

A noite assim é que eu a vejo...
Nossa Senhora da Desgraça!
Só piso rosas p'r'onde passo...
Curva do Sôngo... Ancia do Beijo...
Enche de lyrios teu regaço...
e passa...

III

Tua presença é o vago...
No vago vives suspensa...
E eu na terra sou o lago
onde vês tua presença...

Roça por mim teu afago,
se o teu olhar se condensa
no espelho vago do lago
onde vês tua presença...

E passa, baça, por mim,
tua bôca desbotada,
mordida, despedaçada...

Polidos como marfim
roçam teus seios pelos meus...
E ao nosso olhar desce Deus...

POEMAS DA ALMA DOENTE

IV

Porque passaste e não vieste?
Vem vêr a dôr daquela haste
onde uma rosa pende casta...
Nefasta noite me trouxeste...
Porque vieste e não deixaste
um sonho só!?... Um sonho basta...
Orvalho triste em teu olhar
é na minh'alma luz ditosa...
Que tormentosa alma me deste!...
Porque é de sangue aquela rosa?...
Não sei de noite sem luar...
e não vieste...

V

Lagos de edades passadas,
já sem aguas vagarosas...
Folhas despidas das rosas,
mordidas, despedaçadas...

Inverno... Loucas nortadas
sibilantes, rumorosas...
Passam virgens anciosas
de se verem violadas...

POEMAS DA ALMA DOENTE

Roça por nós o Desejo...
E o sol parece um beijo
já no espasmo, já na ancia...

E os teus olhos a velar
são enlêvos do luar
na paisagem da Distância...

VI

Deixa... Não passes... Silêncio... Calma...
Oh! não enlacs com teu gesto
a suave brisa...
A Noite tem Jesus na alma...
E quando a Noite sonha fala,
e a Noite tem um somno lesto...
Sim, mas teu passo que breve pisa,
mesmo de leve, pode acordá-la...
Mas o teu passo, como de gueicha,
nem quasi passa...
Rumôr!... Não faz... Talvez não faça...
Entanto, deixa...

Lisboa, 1916.



SILVA TAVARES.

RES
2752

J.M.
FRANCIS & TAYLOR

THE AMERICAN LAWYER
PUBLISHED BY THE AMERICAN BAR ASSOCIATION
500 N. DEARBORN ST. CHICAGO, ILL. 60610
1964